



O BRASIL NO PLURAL: UM OLHAR A PARTIR DAS UMBANDAS

Brasil in the plural: a look from umbandas

Adriano Magalhães Tenório *
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
DOI: 10.29327/256659.15.2-13

SIMAS, Luiz Antônio. *Umbandas: uma história do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

Umbandas: uma história do Brasil não é um livro sobre a trajetória da religião, essa conhecida pelo seu mito de anunciação, seus rituais, datas e fundador definido. Trata-se, sim, da mais pura e autêntica história do Brasil, ou melhor, de uma, das muitas histórias desse Brasil, que no texto são contadas a partir da diversidade das umbandas. No texto do escritor, professor e historiador Luiz Antônio Simas, umbandas são as múltiplas expressões das religiosidades afro-brasileiras e suas complexidades, mas também belezas e poéticas, desde o Sudeste, passando pelo Nordeste, até chegar a Amazônia. Luiz Antônio Simas faz um passeio histórico e geográfico para mostrar nossa pluralidade e atestar que não é possível pensar um Brasil no singular.

Pode-se dizer também que é uma das histórias do Brasil, mas que está sendo contada de dentro de algum terreiro, de gira ou com os exus, os caboclos, as pombagiras, as crianças e/os encantados. O vencedor de dois prêmios Jabuti, não polpa sua poética para explorar suas vivências nos terreiros e levar aos leitores e leitoras ao Brasil profundo, que é também encantado, macumbeiro e festivo, feito de gente que, mesmo em meio a toda desigualdade que é o país, consegue se inventar no cotidiano de formas muito originais. Mas não só isso:

*Mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e doutorando em História pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: tenorioadriano1@gmail.com

o texto é um começo de reflexão sobre nosso passado e aquilo que queremos para o presente e para o futuro. Quem ainda não conhece o trabalho do autor com as religiosidades, o samba e o carnaval, as festas e as culturas de rua, fica o convite. É um encantamento.

Para os que não são leitores de Simas, ou que nunca ouviram suas falas no Youtube, (aliás, também fica a recomendação de suas entrevistas) ou em suas redes sociais e mídias, ou aqueles não são da área de história e afins, vale aqui uma breve fala sobre seu trabalho e atuação. Professor de história, com muita experiência nas salas de aula dos subúrbios cariocas, Simas, na convivência com seus alunos e alunas, percebeu uma forte crença entre eles/as de que a História sempre acontecia em outro lugar que não ali com aquelas pessoas. Nesse pensamento a História se fazia fora, nos grandes salões, com grandes pessoas, nos grandes eventos e por aí vai (quem estuda história sabe exatamente do que se trata isso), essa percepção se encontra com sua vontade de estudar/pesquisar a historicidade dos territórios, o que lhe leva as ruas, as festas, aos bares, ao samba e aos terreiros e a conhecer e ouvir muitos personagens com histórias reais, fazendo as Histórias reais. *Umbandas uma história do Brasil* é repleta desses personagens.

É preciso começar dizendo que a originalidade da produção está na pluralidade. Pensar em “umbandas” é pensar um reflexo do Brasil real: diverso, múltiplo, variado, diversificado. Não é errado afirmar que o senso comum olha para umbanda no singular, o que, consequentemente, apaga suas nuances. Na academia, outro local que vai se debruçar sobre a religião, majoritariamente, a percepção a também é de unidade, uma religião engessada, estática e sem movimentos. É recorrente a ideia de que a umbanda é apenas uma síntese da formação histórica e social brasileira, com a amálgama dos ritos de negros, indígenas e brancos. O autor levanta essa crítica (p.12) e seu trabalho, a partir disso, é propor uma discussão que leva aos leitores e leitoras a (re)pensar nossa história e formação. A pensar de fato em pluralidade.

É básico começar apresentando a dinâmica da publicação, que está dividida em duas partes e com um final que soa como presentes. Sobre eles, trata-se de dois anexos, em que um é sobre os orixás do candomblé da umbanda (p. 131) e um segundo, uma lista com sugestões de músicas com temáticas afroreligiosas (p. 148), fruto da vasta pesquisa do autor, que também é compositor. Aos que ainda tem dúvidas sobre os candomblés - Ketu, Jeje e Angola - e os orixás, o historiador faz um breve apanhado acerca das divindades cultuadas

no Brasil, sua relação com as umbandas e suas especificidades. Se interesse no assunto não cessar, as páginas seguintes vão trazer uma seletíssima relação de músicas, que são uma excelente referência, seja para os estudiosos do tema, professores ou professoras, praticantes, pesquisadores, amantes das religiões afro-brasileiras.

Sobre a divisão do texto, Simas, na primeira parte, incorpora o historiador/geógrafo para fazer seus leitores e leitoras passearem pela história e a geografia das umbandas, mostrando que desde que o Brasil é Pindorama, as umbandas sempre estiveram lá, com outras denominações, em outros tempos, de diferentes formas, com personagens diversos, mas sempre estiveram lá. Na parte 1, *Poéticas do Encantamento*, (p. 24) o passeio começa na Bahia do século XVI, com a santidade de Jaguaripe, do indígena Antônio (p. 25), passa pelos calundus e acotundás do século XVIII (p. 27), depois pelas mandingas e os patuás (p. 42), chegando à Amazônia com as pajelanças e encantos (p. 48). Chega às macumbas cariocas e fala dos orixás, do carnaval, sem deixar de fora quem faz a gira acontecer: Zé Pelintra, Maria Padilha, Molambo, Cigana e quem mais baixar (p. 62). Aliás, quem baixou foi Seu Sete da Lira, da médium Dona Cacilda de Assis, entidade mais famosa das umbandas dos anos de 1970, apareceu no Chacrinha e fez história no Brasil (p.71).

O passeio historiográfico de Simas nessa primeira parte da obra é a constatação de que o singular não cabe mesmo para pensar a umbanda. Não por acaso, seu conceito vai além do estabelecido, aquele que fala de uma religião com data de nascimento (ou anúncio), com mito de origem e fundador. Para o autor não se trata disso, mas sim de “acúmulos de sabedorias encantadas diversas que dinamicamente se articulam em cultos multifacetados, plurais, abertos para alteridades e alterações e, ao mesmo tempo, profundamente tradicionais” (p. 22) e acredita no resultado dos “contatos diversos, de circularidades culturais e entrecuzos que se codificam de múltiplas formas” (idem.), portanto, umbandas.

Outro aspecto dessa pluralidade, presente ainda na primeira parte, é a percepção do corpo e a corporeidade no cenário das umbandas (p. 34; 44). Não é novidade que historicamente os corpos sempre foram alvo do controle do colonialismo/cristianismo e o passeio de Simas pelas histórias das umbandas elucida bem isso. Se o colonialismo/cristianismo molda e engessa os corpos ou acredita que são apenas músculos, sangue, células, ossos e órgãos (p. 8), o autor recorre às tradições afroindígenas que entendem em outras dimensões que

dialogam com afetividades, intelectualidades, sociabilidades e espirituais (p. 34). O corpo na cena de Simas é levado em consideração, ele carrega as histórias.

Por fim, falando ainda da primeira parte, o autor levanta uma questão (que depois tratará melhor no segundo momento) acerca do papel dos bantos na formação das religiões afro-brasileiras. Para quem as estuda e leu os textos clássicos, sabe que na tradição acadêmica a presença dos bantos na formação das religiões sempre foi diminuída/menosprezada. As pesquisas consagradas, desde Nina Rodrigues até Roger Bastide, sempre buscaram e “encontraram” a África nos candomblés baianos, com os descendentes dos iroubás, de modo que o que não estava nesse cenário foi considerado como “degeneração” (Bastide 1989), o que inclusive constituiu uma forma acadêmica de pensar as religiões afro-brasileiras. Tradição, portanto, era o que vinha da Bahia, o restante era olhado com desconfiança. O debate é frutífero e para quem pesquisa o tema os apontamentos de Simas são provocações pertinentes para reflexão das religiões afro-brasileiras.

Mas, as provocações não cessam na primeira parte. Em *Políticas do Encantamento* (p. 77) a segunda parte do texto, o autor abre precedentes para uma discussão que toca a formação da religião umbanda, essa mesma no singular. Vale dizer, que a umbanda como religião, foi elaborada como tal entre os anos de 1930 e 1940 e até os finais dos anos de 1970, trabalhou muito pela sua consolidação como uma religião legitimamente brasileira, portanto, fruto das três raças. Mas, ser brasileiro no contexto da primeira metade do século XX, principalmente a partir de Vargas, é entender o encontro das três raças, mas tendo como bússola o branco/europeu como aquele quem guia para evolução e civilização. No caso da umbanda, isso é real, de modo que se embranqueceram seus rituais, domesticaram-se as entidades, apagaram-se suas tradições e no lugar colocaram uma “umbanda branca”. O resultado veio: a sua aceitação social, com o preço do apagamento das culturas negras e indígenas.

Os debates da segunda parte são mais políticos, porque refletem sobre os aspectos da construção da umbanda nesse contexto marcado pelas propostas de apagamento dessas realidades. O autor discute as federações umbandistas e seus movimentos no processo de embranquecimento da religião, a principal ação foi o I Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda em 1939, que é detalhado pelo autor, focado em mostrar as nuances do processo (p. 98). Somado isso, é no período que intelectualidade brasileira/europeia, seja os

racistas ou aqueles comprometidos com a valorização das culturas africanas, produziu, como mencionado, a hierarquização entre bantos, ditos menores (para não falar outra coisa) em detrimento dos iorubas, que representavam a legitimidade africana no Brasil, mesmo que 75% dos negros e negras em Diáspora tenham entrado no Brasil (p. 105), a ideia da inferioridade dos bantos foi por muito tempo a perspectiva adotada pela academia para pensar as culturas negras.

No entanto, o autor faz cruzamento de caminhos para mostrar outros rumos desse percurso, rumos esses que ajudam a ampliar a percepção do cenário brasileiro de apagamento na formação da umbanda. Um personagem da mais alta relevância é Tancredo da Silva Pinto, o Tata Tancredo (p. 111), da umbanda omolokô, importante liderança das afro-religiões do Rio de Janeiro, entre os anos de 1950 e 1970, que tinha sua religião assentada na cultura negra e mais na cultura banto. Essa é uma referência que vem no texto acompanhada pelo debate acerca da organização política e de lutas dos negros brasileiros, que desde 1931, com a fundação da Frente Negra Brasileira (FNB), vinham se articulando para pensar suas demandas e, nesse sentido, pensar o resgate de suas culturas. Tata Tancredo, viveu esse contexto e, enquanto uma parte dos umbandistas trabalhava no apagamento da matriz negra da religião, Tata Tancredo afirmava a sua e lutava por uma religião de bases africanas (p. 115).

Foi Renato Ortiz (1999), no seu clássico *A morte branca do feiticeiro negro*, que melhor elaborou o processo de embranquecimento da umbanda e o papel primordial dos intelectuais da religião nesse processo. Porém, um dos pontos importantes da pesquisa foi perceber que enquanto a umbanda se embranquecia para se consolidar no campo religioso brasileiro, o candomblé se tornava o local de resistência da cultura negra. Sem querer debater o conceito de resistência, que até onde se percebe na leitura, Simas não trabalha nessa chave de entendimento, a referência a Tata Tancredo, pode ser lida como um ponto de partida para lançar olhares e pensar em outras histórias, histórias de invenções originais da vida, forma de ver mais perceptível na leitura de seu texto.

Partindo para o final, há duas últimas coisas a falar do texto. Primeiro seu caráter e rigor acadêmico. Para quem estuda religiões afro-brasileiras ou mesmo a umbanda é imprescindível a leitura, porque toca em dimensões que foram negligenciadas nos trabalhos

clássicos. Temas como o corpo, a ideia de acúmulo de sabenças, encantamentos e desencantamentos (conceitos criados pelo autor), além de seus debates sobre racismo, colonialismo são pontos de reflexões importantíssimos e urgentes. Ainda que o autor não use conceitos como decolonialidade ou decolonialidade é muito claro de onde ele fala e quem fala em seus textos. Para historiadores/as é nítido também que seu trabalho está no campo de disputas pelo passado e a construção de uma escrita da história que quer contemplar quem foi apagado. Em um momento de disputa narrativa, como os atuais, é o passado que interessa e Simas trabalha esse passado para pensar o presente e o futuro.

Agora sim, por fim, é preciso registrar a beleza da poesia do autor. Suas memórias como poética, sua escrita também pautada na poesia, para além da beleza são instrumentos de arte na luta por um Brasil mais justo, mas encantado, mas macumbeiro. O texto termina com uma bela poesia chamada “umbandas”, segue um trecho: “faço quizomba, leio o evangelho/ gosto de pinga e do cálix bento/ Minha aringa é de preto velho/ Na tabatinga planto fundamento” (p. 128).

REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1989.

ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SIMAS, Luiz Antônio. *Umbandas: uma história do Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

Recebida em 16/06/2024

Aprovada para publicação em 11/08/2024